



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

LISPECTOR, Clarice. *Todas as cartas*. Prefácio e notas de Teresa Montero; posfácio de Pedro Karp Vasquez; pesquisa e transcrição de Larissa Vaz. Rio de Janeiro: Rocco, 2020, 859 pp.

Cartas de Clarice Lispector: uma conversa infinita

Rejane Pivetta¹

O ano de 2020 movimentou a cena literária brasileira por ocasião do centenário de Clarice Lispector. As muitas comemorações, entre eventos, exposições, debates, filmes e publicações sobre a escritora, deram-se sob o regime de confinamento, devido à pandemia de coronavírus que parou o mundo. Essa circunstância não deixa de afetar de maneira peculiar a leitura de uma obra tão marcada pela meditação sobre a matéria viva da existência, na forma de uma escrita pulsante, que grita e, simultaneamente, devolve o silêncio das coisas insondáveis, avessas a explicações. Neste momento trágico da nossa história, Clarice Lispector continua mais contemporânea do que nunca, endereçando-nos mensagens potentes para iluminar as zonas obscuras do nosso presente.

Assim é que nos tornamos destinatários de *Todas as cartas*, um conjunto de 284 correspondências (todas as conhecidas até este momento), escritas por Clarice Lispector entre maio de 1940 e novembro de 1977. De alguma forma, ocupamos o lugar de interlocutores de mensagens cuja intimidade não está na revelação de fatos da vida privada, mas no tom despojado e afetivo com que a escritora convida seus leitores a participar de uma “conversa infinita”, na busca incessante por um entendimento que sempre escapa.

Todas as cartas, sob a coordenação de Pedro Karp Vasquez, que assina também o Posfácio da edição, vem na esteira do projeto editorial de sistematizar a produção de

¹ Doutora em Teoria da Literatura, professora e pesquisadora da graduação e PPG Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

Clarice Lispector, a exemplo dos volumes *Todos os contos* (2016) e *Todas as crônicas* (2018), publicados pela editora Rocco. Grande parte dessas cartas já eram conhecidas de publicações anteriores: *Correspondências*, de 2002, e *Minhas queridas*, de 2007, ambas da editora Rocco, com organização de Teresa Montero, e *Cartas perto do coração* (Record, 2001), volume organizado por Fernando Sabino. *Todas as cartas*, porém, não só condensa em um único volume a correspondência ativa de Clarice Lispector já publicada, como também dá a conhecer “praticamente meia centena de cartas inéditas que abordam temas da mais alta relevância de seu itinerário literário e biográfico”, como salienta Teresa Montero, responsável pelo prefácio e também pelas notas explicativas da edição, que situam o leitor em relação ao contexto histórico, biográfico e literário da escritora.

As cartas inéditas ou dispersas agora reunidas em um único volume devem-se à pesquisa cuidadosa de Larissa Vaz em arquivos públicos (Fundação Casa de Rui Barbosa, Biblioteca Nacional, Instituto Moreira Salles, Acervo de Escritores Mineiros, Coleção Brasileira Itaú Cultural, Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, Fundação Getúlio Vargas, IEB, Instituto Hilda Hilst, Biblioteca Nacional de Portugal) e privados (sobretudo de familiares e amigos com quem Clarice Lispector se correspondia). As 284 cartas são distribuídas cronologicamente, por décadas, referidas no Índice com o nome dos destinatários e a data de envio, o que permite a rápida verificação dos principais interlocutores da troca epistolar - em sua maioria familiares, escritores, críticos e editores. O volume conta ainda com um Índice Onomástico, que organiza o arquivo das cartas, possibilitando localizar rapidamente temas, lugares, destinatários, nomes de obras, instituições, personagens, uma série de referências que sugerem ao leitor caminhos para percorrer a correspondência.

Do conjunto das cartas, chama atenção o extenso diálogo mantido com as irmãs Elisa Lispector e Tania Kaufmann. No total, são 150 cartas endereçadas a elas, sendo 16 inéditas. Essas cartas, em grande parte escritas ao longo das décadas de 1940 e 1950,



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

coincidem com os períodos em que Clarice viveu fora do Brasil, primeiro na Europa e depois nos Estados Unidos, acompanhando o marido diplomata, Maury Gurgel Valente. Marcante na correspondência dessa época é o retrato de uma Clarice que se sente “desenraizada”, presa às tarefas domésticas e aos compromissos diplomáticos de esposa, como tediosos jantares que a obrigavam a se relacionar com pessoas com as quais não tinha nenhuma afinidade. Nas cartas às irmãs, a escritora relata o seu cotidiano doméstico, a solidão e a saudade do Brasil, os momentos de excitação pelos novos lugares conhecidos em cidades estrangeiras, as dificuldades e o desânimo quanto ao seu trabalho de escritora: “ando terrivelmente desfibrada: tudo o que tenho escrito é bagaço; sem gosto, me imitando, ou tomando um tom fácil que não me interessa nem agrada”, conforme escreve a Tania Kaufmann, em fevereiro de 1944.

Neste período de “exílio” voluntário, Clarice Lispector estabelece uma assídua correspondência com os escritores Lúcio Cardoso (cerca de 13 cartas, escritas na década de 1940) e Fernando Sabino (mais de 20 cartas, trocadas ao longo da década de 1950), que, de alguma forma, a mantinham conectada ao meio intelectual brasileiro. As cartas a João Cabral de Melo Neto e Rubem Braga, reunidas pela primeira vez neste volume, também se prolongam no tempo: nove delas endereçadas ao primeiro, entre novembro de 1947 e março de 1971; e sete ao segundo, entre novembro de 1948 a fevereiro de 1958. O livro traz ainda outras correspondências inéditas entre Clarice Lispector e vários outros escritores, como Lêdo Ivo, Lygia Fagundes Telles, Mário de Andrade, Natércia Freire, Nélide Piñon, Otto Lara Rezende e Paulo Mendes Campos.

Nas cartas aos escritores predominam os temas ligados à literatura e ao universo cultural, como comentários e impressões sobre livros de autores brasileiros e estrangeiros, também sobre filmes e peças. Mais significativo é o quanto as cartas dessas duas primeiras décadas revelam do processo de criação literária de Clarice Lispector, sempre interessada em receber opiniões sobre as próprias obras que lhes enviava, mostrando-se uma escritora obstinada em consolidar a sua autoria, por meio de



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

um método de escuta, que lhe permitia entender melhor aquilo que ela mesma escrevia. As cartas são, para Clarice, um lugar de experimentação da sua linguagem, um gênero que lhe permite colocar-se abertamente à prova, sem pejo de pedir sugestões e incorporá-las à sua ficção, como acontece fartamente no diálogo com Lúcio Cardoso, a propósito da composição de *O lustre* (1946) e, em especial, com Fernando Sabino, responsável pela revisão dos manuscritos de *A maçã no escuro* (1961).

As cartas trazem um vasto material para pensar a gênese e as circunstâncias de produção e publicação da obra de uma escritora que, desde cedo, buscava escrever “limpo e calmo”, “alguma coisa real – real como o que se sonha”, e que afirmava jamais querer se sentir uma escritora “bem instalada”, como escreve em carta a Lúcio Cardoso, em março de 1944. Ao longo da leitura das cartas, vão se descortinando as múltiplas facetas que compõem a figura de Clarice Lispector, não só a escritora intimista, mas também a intelectual atenta ao contexto histórico e preocupada com os problemas sociais, conforme escreve à irmã Tania Kaufman, em 8 de maio de 1946:

O que tem me perturbado intimamente é que as coisas do mundo chegaram para mim a um certo ponto em que eu tenho que saber como encará-las, quero dizer, a situação de guerra, a situação das pessoas, essas tragédias. Sempre encarei com revolta. Mas ao mesmo tempo que sinto necessidade de fazer alguma coisa, sinto que não tenho meios. Você diria que eu tenho, através de meu trabalho. Eu tenho pensado muito nisso e não vejo caminho, quer dizer, um caminho verdadeiro (LISPECTOR, 2020, p. 221).

Outro tema recorrente nas cartas diz respeito à dificuldade e/ou à demora na publicação dos originais que Clarice Lispector encaminhava a editoras como Civilização Brasileira, José Olympio, Itatiaia, Agir. Do exterior, ela pede notícias dos seus livros aos amigos escritores, que intermediavam as negociações editoriais, e não esconde seu incômodo em “ficar implorando”, oferecendo um livro de “editora em editora e esperando o veredicto”, como escreve em carta a Rubem Braga, de 14 de dezembro de 1956. Ela também se mostra muito interessada na recepção crítica de suas obras, conforme lemos na carta à irmã Tania Kaufman, de junho de 1946, na qual expressa sua insatisfação com a crítica negativa de Álvaro Lins em relação aos seus dois



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

primeiros romances, *Perto do coração selvagem* e *O lustre*, reconhecendo que “tudo o que ele diz é verdade”, mas acrescentando que “ele não me compreendeu”; na mesma carta, confessa que “Gostaria muito de ler uma crítica de Antonio Candido.”

De volta ao Brasil, em 1959, depois da separação do marido, Clarice inicia uma intensa atividade jornalística e passa a se envolver diretamente no agenciamento de suas obras, período em que ocorre uma considerável diminuição na sua atividade de missivista. Na década de 1960, a maior parte das cartas são endereçadas ao filho Paulo Gurgel Valente, afilhado de Erico Verissimo e Mafalda Verissimo (outros destinatários frequentes), que então se encontrava em um programa de intercâmbio nos Estados Unidos. De janeiro a junho de 1969 foram dez cartas, mais duas sem data, cujo conteúdo não é outro senão o puro afeto, o zelo materno e a saudade do filho distante. Nos anos 1970, a correspondência é mais esparsa e breve, mas traz novos interlocutores, como Olga Borelli, Nélide Piñon, Murilo Rubião e Lygia Fagundes Telles. Para esta última escreve um bilhete, em novembro de 1977, pouco antes de morrer, no qual comenta o quanto se alegrava com a entrada de Rachel de Queiroz na Academia Brasileira e Letras, sem deixar de notar a dívida da Academia para com as mulheres, desejando que escritoras como Dinah Silveira de Queiroz, Nélide Piñon e a própria Lygia Fagundes Telles viessem a fazer parte da Academia no futuro. De fato, todas as escritoras mencionadas acabaram entrando na Academia alguns anos depois da morte de Clarice Lispector. No entanto, seu prenúncio permanece ainda hoje como um sinal na luta das mulheres por reconhecimento no campo literário.

A carta tem um lugar significativo na produção clariceana, é um gênero em que o biográfico, o ficcional e o documental convergem para a mesma urgência da escrita que tão bem define o estilo da escritora e marca sua persona literária. As cartas dão continuidade às indagações sobre a arte de escrever, presentes em seus contos, romances, crônicas e histórias infantis, e que poderíamos sintetizar na ideia de encontro com o outro. A carta talvez seja o meio pelo qual a escritora exercitou de forma mais



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

direta seu desejo intenso e constante de comunicar-se com o outro, de confessar-lhe suas angústias e temores, de ouvir conselhos e manifestar afeto. *Todas as cartas* é um verdadeiro arquivo, aberto ao diálogo infinito, à permanente e renovada leitura crítica.